COMUNICAÇÃO ORAL - GT 11 - ALFABETIZAÇÃO, POLÍTICAS E PRÁTICAS

ALFABETIZAÇÃO NA CULTURA DIGITAL E DESIGUALDADE SOCIAL: UMA ANÁLISE HISTÓRICO-CRÍTICA

Clarisse Gonçalves Rodrigues (clarisse.rodrigues@colegiodehon.com.br)

A presente comunicação investiga as tensões entre alfabetização, cultura digital e desigualdade social no contexto brasileiro contemporâneo. O problema central reside na compreensão de que a inserção das crianças nas práticas digitais ocorre em um cenário de exclusão histórica, onde a ampliação do acesso técnico às tecnologias não se traduz, necessariamente, em democratização da aprendizagem. Ao contrário, evidencia-se uma “doce ilusão" de igualdade: enquanto o acesso à rede se torna majoritário, as formas de apropriação do conhecimento permanecem abissais. Questiona-se, portanto: de que maneira as práticas de alfabetização na cultura digital podem contribuir para a emancipação dos sujeitos ou para a reprodução das desigualdades sociais? O objetivo geral consiste em analisar a relação entre alfabetização digital e desigualdade social sob o prisma da Pedagogia Histórico-Crítica. Especificamente, busca-se desvelar as concepções de alfabetização na produção científica recente e investigar como as tecnologias influenciam a apropriação da leitura e da escrita em diferentes contextos socioeconômicos. A relevância do tema justifica-se pela urgência de superar a visão puramente

técnica das tecnologias, compreendendo-as como espaço de disputa hegemônica e mediação cultural. A fundamentação teórica articula-se para sustentar que a exclusão contemporânea é um desdobramento das contradições constitutivas da sociedade brasileira. Sob a perspectiva de Emília Viotti da Costa, compreende-se que o liberalismo nacional consolidou privilégios ao restringir o acesso aos bens sociais; se outrora a exclusão dava-se pela posse da terra, hoje manifesta-se na desigualdade de acesso ao conhecimento. Essa análise converge para o "dualismo perverso" denunciado por José Carlos Libâneo, no qual se oferece uma formação intelectual ampla às elites e um ensino pragmático e reducionista às camadas populares. Nesse cenário, os sujeitos das classes dominantes têm mais oportunidade e incentivos à autoria e criticidade, enquanto os das classes subalternas são frequentemente reduzidos a consumidores passivos de conteúdos. Para contrapor essa lógica, o trabalho resgata a premissa freireana de que a 'leitura do mundo precede a leitura da palavra', defendendo a alfabetização digital como prática política e emancipatória. Em diálogo com Ivete Simionatto e a perspectiva gramsciana, reafirma-se a educação como espaço de contra-hegemonia e superação da alienação. Sob o aporte do materialismo histórico-dialético, a investigação desenvolve-se por meio de pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e analítica, fundamentada em nomes como Simionatto, Libâneo e Rancière. Conclui-se que o letramento na cultura digital só será efetivamente democrático ao romper com o pragmatismo funcional, assumindo a emancipação intelectual, conforme os moldes de O Mestre Ignorante, cujo princípio formativo, possibilita que o estudante transcenda a condição de espectador da técnica e torne-se sujeito de sua própria história.

Palavras-chave: alfabetização; cultura digital; desigualdade social; pedagogia histórico-crítica.